

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

A criação de estéticas e estratégias feministas na comédia contemporânea

Entrevista com Vanderléia Will
Concedida à Maria Brígida de Miranda

Para citar este artigo:

WILL, Vanderléia; MIRANDA, Maria Brígida de. A criação de estéticas e estratégias feministas na comédia contemporânea. [Entrevista concedida a Maria Brígida de Miranda]. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v.03 n.56, dez. 2025.

 DOI: 10.5965/1414573103562025e0503



A Urdimento está licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](#) – (CC BY 4.0)



A criação de estéticas e estratégias feministas na comédia contemporânea

Entrevista com Vanderléia Will¹
Concedida a Maria Brígida de Miranda²

Resumo

Vanderléia Will, premiada atriz catarinense, da Cia. Pé de Vento Teatro, criadora da personagem cômica Dona Bilica e reconhecida internacionalmente por espetáculos de comédia física como o *De Malas Prontas* (2003) e o *Desajustada* (2021), concedeu entrevista à pesquisadora Brígida Miranda. Na conversa realizada em 23 de outubro de 2024, após a apresentação da peça *Dona Bilica Naquele Tempo* (2014), no CEART/UDESC, a atriz revelou dinâmicas de criação de dramaturgia, processos de construção de personagem, levantamento de histórias e "causos" nas comunidades antigas da Ilha de Santa Catarina e refletiu sobre a transformação de seus processos de criação teatral a partir do despertar da consciência feminista.

Palavras-chave: Comicidade. Feminismo. Teatro físico. Atuação. Dramaturgia.

The creation of feminist aesthetics and strategies in contemporary comedy

Abstract

Vanderléia Will, an award-winning actress from Santa Catarina, of the Pé de Vento Theater Company, creator of the comic character Dona Bilica and internationally recognized for physical comedy shows *De Malas Prontas* (2003) and *Desajustada* (2021), granted an interview to researcher Brígida Miranda. In the conversation held on October 23, 2024, after the presentation of the play *Dona Bilica – In Those Days* (2014), at CEART/UDESC, the actress revealed dynamics of dramaturgy creation, processes of character development, collection of stories and anecdotes from the old communities of Santa Catarina Island, and reflected on the transformation of her theatrical creation processes following the awakening of feminist consciousness.

Keywords: Comedy. Feminism. Physical theater. Acting. Dramaturgy.

La creación de estéticas y estrategias feministas en la comedia contemporánea

Resumen

Vanderléia Will, premiada actriz de Santa Catarina, de la Cia. Pé de Vento Teatro, creadora del personaje cómico Doña Bilica y reconocida internacionalmente por los espectáculos de comedia física *De Malas Prontas* (2003) y *Desajustada* (2021), concedió una entrevista a la investigadora Brígida Miranda. En la conversación realizada el 23 de octubre de 2024, tras la presentación de la obra *Doña Bilica – En Aquellos Tiempos* (2014), en el CEART/UDESC, la actriz reveló dinámicas de creación de dramaturgia, procesos de construcción de personaje, recopilación de historias y casos en las antiguas comunidades de la isla de Santa Catarina y reflexión sobre la transformación de sus procesos de creación teatral a partir del despertar de la conciencia feminista.

Palabras-Clave: Comicidad. Feminismo. Teatro físico. Actuación. Dramaturgia.

¹ Graduação em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Com o extinto Circo da Dona Bilica, do qual foi sócia fundadora, produziu o Festival Ri Catarina, A Escola de Palhaças e de Palhaços de Florianópolis. Participou de diversos festivais e encontros de teatro/circo e palhaçaria no Brasil e exterior, compondo debates e palestras relacionadas à gestão, autonomia e trabalho da atriz cômica, do circo e da palhaçaria. Correalizou, juntamente com o Teatro de Anônimo (RJ), a equipe de produção das 8º. Edição do Encontro Internacional de Palhaços Anjos do Picadeiro, em Florianópolis. Pesquisadora de músicas, poesias, ditados populares e de histórias sobre a cultura popular de Florianópolis, é criadora da conhecida personagem Dona Bilica, figura carismática que eterniza o jeito de ser do nativo morador da cidade há mais de 33 anos. Texto informado pela atriz na página Linkin: Vanderléia Will - Atriz , diretora e palhaça / Cia Pé de Vento Teatro | LinkedIn Acesso em: 13 out. 2025.

² Pós-doutorado em Teatro pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutorado em Teatro pela La Trobe University (LTU), Austrália. Mestrado em Master of Arts pela University of Exeter (EU), Inglaterra. Graduação – Licenciatura em Educação Artística pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Titular da área de Interpretação e Direção Teatral do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (Doutorado e Mestrado) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Coordenadora da Pesquisa CURARTE - Práticas cênicas para o bem-viver: estudos de gênero e feminismos nas artes da cena (CNPq e UDESC). Membra do grupo de pesquisa Imagens Políticas.  maria.miranda@udesc.br  <http://lattes.cnpq.br/6580699080518678>  <https://orcid.org/0000-0002-0828-8585>

Introdução



Figura 1 – Maria Brígida de Miranda
Foto: Valentina Orlandi (Núcleo de Comunicação
do Centro de Artes – CEAT/UDESC)



Figura 2 – Vanderléia Will
Foto: Renato Turnes

Em 23 de outubro de 2024, Vanderléia Will — carinhosamente conhecida como Vandeca — apresentou o espetáculo teatral *Dona Bilica Naquele Tempo* (2014), uma peça cheia de humor e histórias fantásticas, com direção de Renato Turnes³. Comemoramos em dose dupla o Dia do/a Servidor/a Público/a e do/a Professor/a em duas sessões no Espaço 2 do Departamento de Artes Cênicas do Centro de Artes, Design e Moda da UDESC, com a plateia lotada de docentes, discentes, técnicos/as, terceirizados/as e pessoas da comunidade externa que vieram prestigiar uma das mais conhecidas atrizes de Florianópolis cuja personagem, Dona Bilica, tornou-se um ícone da cultura ilhoa. A ação organizada pela Direção de Centro do CEART integrou a programação da VI Mostra Rosa

3 Renato Turnes é ator e diretor de teatro e cinema, roteirista e documentarista. É um dos fundadores da La Vaca Cia. de Artes Cênicas, junto a qual dirigiu espetáculos como *Mi Muñequita*, *Kassandra* e *Uz*, além de atuar em *Le Frigô* e *Ilusões*. Também dirige, escreve e atua em *Homens Pink*, projeto de filme e teatro documentário. É também diretor convidado em projetos de outros grupos e artistas. Espetáculo "Dona Bilica Naquele Tempo" mergulha na cultura original dos manezinhos - Portal Making Of. Acesso em: 13 out. 2025.



Teatral⁴ — evento extensionista, sob minha coordenação, que tem como foco a celebração da vida e da saúde das mulheres por meio de atividades artísticas durante o mês de outubro, quando ocorre a campanha de prevenção contra o câncer de mama.

A proposta de trazer a produção de Vanderléia Will e Renato Turnes ao CEART diz tanto sobre a trajetória de ambos os artistas, que se formaram na Graduação em Artes Cênicas da UDESC, como dialoga com a temática do evento, uma vez que a peça aborda as experiências e histórias de mulheres locais. Em matéria recente no jornal NSC Total, Mariana Barcellos (2025) informa que

Dona Bilica foi criada em 1991, quando Vanderléia ainda era aluna de Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), após Geraldo Cunha convidá-la para criar a parceira do Seu Maneca. Para dar uma cara e um jeito para a personagem, a jovem atriz fez um longo processo de pesquisa. Fez vários encontros com nativos da Ilha, em um exercício de mimese corpórea — técnica em que a atriz não apenas copia sotaques e trejeitos, mas incorpora histórias de vida e memórias da comunidade.⁵

Ao caracterizar-se como “manezinha”, a atriz formada pelo Departamento de Artes Cênicas da UDESC passou a carregar não apenas a arte do teatro, mas um baú de histórias e memórias de comunidades locais em seu próprio corpo. Seja debaixo de uma tenda ou na inauguração de uma obra do município, ou no salão de uma escola, ou em espaço aberto, Vanderléia demonstra técnicas aprimoradas de atuação e jogo, e um repertório de histórias de comunidades rurais e pesqueiras de Florianópolis.

No espetáculo *Dona Bilica Naquele Tempo*, construiu com a direção de Turnes uma dramaturgia que aprofunda as questões da memória coletiva do povo de Florianópolis e a cultura ilhoa.

O premiado documentário produzido pela dupla durante o processo de

⁴ “Udesc divulga programação da 6ª Mostra Rosa Teatral”. Notícia. Núcleo de Comunicação do CEART/UDESC. Notícia - Udesc divulga programação da 6ª Mostra Rosa Teatral. Acesso em: 13 out. 2025.

⁵ Mariana Barcellos. “Sou mais que a Dona Bilica”, diz a atriz Vanderléia Will sobre peça sobre etarismo. Home, DC, Entretenimento. NSC Total. Postado em 05 out. 2025 - 10:00 - Atualizada em: 09 out. 2025 - 15:20. “Sou mais que a Dona Bilica”, diz a atriz Vanderléia Will, que lança peça sobre etarismo - NSC Total. Acesso em: 14 out. 2025.



pesquisa de campo para a criação cênica, intitulado *Dona Bilica Naquele Tempo*⁶, demonstra como comunidades locais já em 2013 estavam rapidamente se transformando enquanto seus saberes e culturas tradicionais desapareciam. O mais interessante ao assistir primeiro ao curta-metragem é constatar o método cuidadoso e humano do processo de pesquisa etnográfica. É possível observar o afeto entre a artista e as várias senhoras e senhores nativos; nas conversas feitas na cozinha, no velho engenho, percebemos a cumplicidade de quem está em uma casa de pessoas conhecidas e amigas. E foi particularmente tocante para mim, que sou nascida e criada em outro estado, observar como a atriz Vanderléia Will trabalhou no campo da comédia todos esses afetos e memórias coletivas de mulheres ilhoas de forma respeitosa e feminista.

A sinopse do espetáculo anuncia o seguinte: “Dona Bilica é uma lavadeira, benzedeira e rendeira que abre as portas de sua casa para contar como era viver antes do progresso chegar.”⁷ A impressão que tive ao fim do espetáculo é que a personagem Dona Bilica sempre diz o que pensa, e a atriz, por meio de números mais longos ou mais curtos, parece transmitir um recado: a memória de um povo está em seu jeito de falar, de se mover, de pensar sobre o que vê e o que ouve, de tomar decisões e de agir. E o palco, a cena teatral é onde a memória quase perdida pode ser restaurada.

Sobre o texto da conversa, é preciso informar que a entrevista foi realizada de forma presencial no Espaço 2, para o vídeo intitulado *A Criação de Estéticas e Estratégias Feministas na Comédia Contemporânea*⁸ (2024), uma realização do Projeto de Pesquisa “CURARTE - Práticas cênicas para o bem-viver: estudos de gênero e feminismos nas artes da cena (CNPq e UDESC)⁹, sob minha coordenação

⁶ “O curta-metragem catarinense Dona Bilica - Naquele tempo, da Cia Pé de Vento Teatro , com direção de Renato Turnes, foi o maior vencedor do 19º Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM 2015). A obra recebeu cinco prêmios - do júri oficial e popular na categoria produção catarinense, documentário, direção e montagem - A película conta a história da Dona Bilica, personagem criada há 20 anos pela atriz Vanderléia Will. Rodado em 2013, o filme mostra o encontro da atriz com antigos moradores de Florianópolis para recolher material para a montagem de um novo espetáculo.” Documentário Dona Bilica Naquele Tempo - completo com Vanderléia WILL Canal do Youtube: Pé de Vento Teatro. Acesso em: 13 jul. 2025.

⁷ “Udesc divulga programação da 6ª Mostra Rosa Teatral”. Notícia. Núcleo de Comunicação do CEART/UDESC. Notícia - Udesc divulga programação da 6ª Mostra Rosa Teatral Acesso em 13 out. 2025.

⁸ Acesse o vídeo e assista a entrevista: Curarte - Práticas Cênicas Feministas - YouTube

⁹ Projeto de Pesquisa aprovado na Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa A - Grupos Emergentes. Processo: 407191/2023-2 Vigência: início: 26/02/2024 fim: 28/02/2027 - Título: Curarte - Práticas Cênicas para o bem-



junto ao Grupo de Pesquisa Imagens Políticas no PPGAC/UDESC. A filmagem foi realizada pela Dra. Luciana Aires Mesquita como parte de seu pós-doutorado em Artes Cênicas como bolsista da FAPESC (2024-2025), sob minha supervisão, no PPGAC, e editada pelo cineasta e professor da Universidade de Brasília (UnB) Dr. Armando Bulcão. O vídeo, disponível no Canal Curarte: práticas cênicas para o bem-viver¹⁰, conta com *inserts* de cenas de espetáculos e documentários escolhidos pela atriz Vanderléia Will. Para esta publicação, a entrevista foi transcrita por Geane Salasário Albino, graduanda de Licenciatura em Artes Cênicas e bolsista do Projeto de cultura CURA: Teatro, autodescoberta e cuidado de si (Procult/UDESC), sob minha coordenação. O texto foi editado para facilitar a leitura, mas buscou manter a fluidez e naturalidade das falas, e posteriormente foi revisado por Denize Gonzaga.

A Entrevista

Maria Brígida de Miranda - Vandeca, queria saber sobre seu processo, visto que já tem 30 anos de criação da Dona Bilica, personagem cômica muito importante na história do teatro de Santa Catarina, principalmente aqui de Florianópolis. Você consegue agregar muita coisa com ela, que é muito querida por todos/as. Mas, além dela, você também tem um trabalho com outras personagens, de construção de cena, com teatro físico, com elementos de palhaçaria e teatro físico muito bem estruturado. E me falou de um espetáculo novo. Então, eu queria que você falasse um pouco do que percebe como artista criadora desses elementos que escolhe para tratar a cena: seria a partir de uma comicidade? Se você identifica essa comicidade como uma comicidade feminina, feminista, se essa comicidade não tem gênero. Como é isso?

Vanderléia Will - A minha forma de criar meus espetáculos na cena... partem dessa linguagem cômica. E eu tenho espetáculo com fala, sem fala, de comédia física. Eu não parto de um texto; a minha dramaturgia é criada coletivamente. Então são processos mais... demorados. Os espetáculos levam nove meses, um

viver: estudos de gênero e feminismos nas Artes da Cena. Instituição de Execução: Universidade do Estado de Santa Catarina.

¹⁰ Acesse o canal no *Youtube*: Curarte - Práticas cênicas para o bem viver - *YouTube*



ano para ser criados. Porque a gente vai para a sala, começa a treinar, a experimentar, a improvisar. No [espetáculo] *De Malas Prontas*, eu não tinha essa consciência. Era um outro momento da minha vida. Quando eu saio e me torno consciente, tudo se abre, tudo modifica. A própria personagem, Dona Bilica, que já existia antes, também se modifica, se transforma.

O poder da arte está nisso, de entrar na sua forma de pensar o mundo e ele também vai te transformando. Tu vai tendo visões sobre temas, vai abrindo a cabeça, se descolonizando. Meu pensamento vai vendo: Nossa! Isso aqui afeta o meu gênero, isso aqui diz respeito à minha condição de gênero, isso aqui diz respeito à desigualdade. Então, coisas me afetaram ao longo da minha trajetória artística, e eu quis falar sobre isso.

A minha consciência enquanto mulher, pessoa física, afeta diretamente a construção dos meus processos criativos na cena. Então, quando eu saio da gaiola, quando eu vejo, os véus caem e eu me torno feminista. Assim, toda a minha forma de conceber e de criar os meus espetáculos muda também. Eu também estava dentro daquele sistema, estava oprimida e não sabia. Quando eu me torno consciente, tudo isso explode. Tudo me afetou quando eu me tornei consciente. Quando eu sofri opressão, quando eu sofri violência, quando eu vi as violências que aconteciam.

Eu me mudei para uma casa na pandemia [de Covid-19], no dia sete de março [de 2020] e, [no dia] nove, começou a pandemia. Eu não conhecia ninguém. Quando eu vi, o vizinho começava a gritar dentro de casa. E aí eu percebi que ele estava gritando com uma mulher, mas eu não escutava uma mulher. Aquilo me moveu de uma maneira, né? Televisão bombardeando: feminicídio, feminicídio, feminicídio, coisas assim. Eu falei: Gente! A gente precisa gritar e falar disso.

Na pandemia, eu criei o [espetáculo] *Desajustada*, que é uma mulher encarcerada dentro de uma gaiola, presa às suas condições limitantes. É um espetáculo feminista que fala sobre o patriarcado que oprime as mulheres. Então, eu só pude criar esse espetáculo porque a minha consciência e a minha forma de pensar mudou completamente. Tudo isso foi muito forte para eu criar esse espetáculo. As mulheres presas, encarceradas, que não conseguem se libertar da

sua condição de gênero, dessa estrutura social, heteronormativa, que oprime. E aí o espetáculo estourou. Então, a gente achou, criou a estrutura do espetáculo toda inspirada nisso tudo que a gente respira, e transformou em arte.

Figura 3 – *Desajustada*. Foto: Luiza Felippo



Eu queria que você falasse um pouquinho desse processo de construção da dramaturgia de um teatro físico. Como é?

Você cria um texto, trabalha com elementos documentais. Como é o dia a dia da Vandeca como escritora, dramaturga, dramaturga de teatro físico?

Sim. Então, por exemplo, eu agora estreei esse espetáculo e ele está há uns três anos girando. E aí eu começo a pensar num novo espetáculo. O que me move? Eu começo a pensar num tema. Se esse tema está me tocando o coração... Sempre parte de coisas que eu sinto vontade de falar. Então isso me toca, eu quero falar disso. Aí eu começo, eu penso num diretor, numa diretora, nas pessoas com quem eu gosto de trabalhar. E eu tenho me identificado... Eu gosto muito de trabalhar com pessoas que me apoiam, acolhem, entendem a minha linguagem. Como é uma linguagem muito específica, muito autoral, é um tipo de trabalho que não é uma interpretação de texto, então eu trabalho muito com o Renato Turnes.



Foi o diretor do [espetáculo] *Naquele Tempo*, e eu estou pensando nele para dirigir meu novo espetáculo. Então eu já converso com ele, a gente já troca: Ah, o tema é esse! Aí a gente vai trocando uma ideia sobre o tema, falando, colocando o que eu penso sobre o tema, e aí depois a gente faz pesquisa de campo, entrevista com pessoas... A partir dessa documentação mais pessoal também, partindo de coisas, histórias tuas, pessoais, da tua mãe, de amigos, de pessoas próximas, você vai vislumbrando possíveis cenas e começa a improvisar as cenas e tentar jogos, jogos que podem surgir.

No *Desajustada*, a gente estava num computador, ela [Lily Curcio]¹¹ em São Paulo e eu em casa; nós duas presas, né? Então a gente começou assim. Ah, eu tenho uma cena que aconteceu comigo, que era eu lavando roupa. Me incomodava demais, porque eu lavava roupa, e aí, quando eu ia pendurar a roupa, o varal estava cheio de roupa pendurada, que eu não consegui recolher porque eu não tive tempo. Aí eu recolhia aquela roupa, pendurava a outra, e quando eu ia botar a roupa suja para lavar na máquina, a máquina estava cheia de roupa para pendurar. Era um ciclo vicioso que eu tinha na minha vida cotidiana. Sobrecarregada, com dois filhos, fazendo coisas que eu não queria, sabe? Então, assim, a vida, a minha individualidade, a minha liberdade enquanto mulher inexistia, porque eu tinha que fazer o que um outro, um homem, queria que eu fizesse para suprir os sonhos e desejos dele. A partir daí, a gente criou uma cena, que é a cena da palhaça lavando roupa.

Então, parte muito disso também, de estímulos e coisas que tu vai cavando nas tuas memórias, vai pesquisando, faz entrevista com mulheres. Às vezes a história de uma mulher pode virar uma cena. Ou a gente mistura elas. Com o [espetáculo] *Dona Bilica Naquele Tempo* foi assim. A gente cria um roteiro, faz a mesma pergunta para todos, sabe? Então isso também vai te dando um esboço,

¹¹ Lily Curcio - "Natural de Buenos Aires/Argentina, Lily chegou ao Brasil em 1994. Em Búzios/RJ começou a desenvolver o trabalho dos Seres de Luz Teatro, criando e apresentando seus espetáculos. Em 1998 mudou-se para o distrito de Barão Geraldo – Campinas/SP, onde escolheu viver e criar laços. Lily foi atriz, palhaça, pesquisadora, antropóloga e diretora. Vivia em Campinas, mas era uma artista do mundo. Apresentou-se em dezenas de países e, frequentemente, era convidada a participar de direções e festivais nacionais e internacionais. Ela faleceu no dia 07 de novembro de 2023, na Colômbia, onde realizaria uma oficina". *Home Arte e Lazer*

"Artistas e amigos de Lily Curcio fazem homenagem no Sesc Campinas. Nesta terça-feira (9) a atriz e palhaça completaria 70 anos", *Home, Arte e Lazer*. Hora Campinas. Postado 8 de julho de 2024. Artistas e amigos de Lily Curcio fazem homenagem no Sesc Campinas - Hora Campinas Acesso em: 13 out. 2025.

né? De documentar vários relatos e histórias, e a gente criou a história da vida da Dona Bilica.

A Dona Bilica é uma representante dessas mulheres aguerridas, que cuidavam da família toda, que eram rendeiras, benzedeiras, que ficavam sozinhas muito tempo. Então, elas se uniam. Porque o marido ia pescar, e ela ficava sozinha. Todas as senhoras com quem eu conversei falavam assim: “Antigamente era muito ruim, agora é bom, a gente tem ônibus. A gente pega o ônibus”, porque elas tinham que fazer tudo a pé. Era muito sacrifício para fazer as coisas todas. Lavar uma roupa, ela lavava na lagoa. “Agora tem máquina de lavar, agora é muito bom.” Elas estão sempre ligadas ao servir alguém, né?

Figura 4 – Dona Bilica Naquele Tempo. Foto: Cristiano Prim



Eu sempre gostei da [pesquisa sobre] memória. Quando eu comecei a fazer a personagem da Bilica, com 20, 21 anos, muito jovem, era estranho pra mim. Então eu fazia uma coisa mais... Me maquiava, fazia uma coisa a mais. Com o tempo, com a minha habilidade, eu comecei a não precisar me maquiar mais. Não é a



maquiagem que importa, é a tua interpretação mesmo e dar vida a essa personagem. Então, eu faço há tanto tempo que ela é como uma segunda pele para mim. Na idade de casar, tipo 14, 15 anos, tinha que casar. Então também, tipo assim, ó, você vai casar agora. Essa mulher, né, ela casa com alguém que ela não queria e ela separa. Foi bom enquanto durou. E ela não quer mais falar do assunto. Ela começa a viver um outro tempo, né? Que não era tão... Essa coisa da obrigatoriedade, estar casada. Então, nos tempos de hoje...

Você toca na história privada das mulheres, na vida íntima. Quando cai alguma mulher na cama de ficar doente, doente, doente, vem uma outra. São várias mulheres, os homens, os parceiros, que somem, que desaparecem, ou outros que se estabelecem e que ajudam mulheres também a se desenvolver, que não fica uma coisa maniqueísta.

Mas o que eu achei interessante é esse foco que você dá na história dessas mulheres da Ilha. Muitas já faleceram, e você faz também áudio provavelmente de entrevistas e dos cantos que são parte da história das comunidades de Florianópolis, das comunidades de mulheres pescadoras, de pescadores. Tem muitas histórias que você soma ali de um povo, de uma maneira de produção e de viver que está desaparecendo rapidamente. A Ilha tinha um povo autossuficiente, em vários aspectos, e essas comunidades estão perdendo isso. Os engenhos estão sendo desmanchados para virar móvel de decoração.

Sim, de decoração, exatamente. Muita história tem desse jeito de ser. Então, a Ilha tem uma coisa muito peculiar, eu acho, por essa mistura de sabedorias, entende? Um pouco do povo açoriano se misturou com os povos originários e com os escravos que vieram, que estavam aqui. A história é para botar medo, olha, tu não enfrenta.

O Desconhecido?

Tu não enfrenta, né? Se a igreja está falando que tu tem que ficar em casa, tu não sai de casa. Que os mortos podem te pegar. Essas histórias todas, esses mitos sobre bruxa, lobisomem e tal eram coisas que vinham muito desse modo de pensar sem cientista lá dos açorianos, né? Que era um resquício dos colonizadores açorianos que vieram e trouxeram essa coisa do medo. Eles andavam à noite numa trilha, aí mexia uma bananeira lá, uma folha da bananeira com reflexo da lua, aquilo já era uma bruxa. Todo medo era muito bem trabalhado



desde a infância para a pessoa ser bem contida. E são histórias que viraram, tanto que ficou a “Ilha da Magia”, que pegou, hoje é *souvenir*, hoje se vende. Realmente, a Ilha é encantadora. E o jeito de ser do ilhéu, do nativo, esse nativo que vem dessa geração, que passa de pai pra filha, é isso que tu falou, tá se acabando. Estão morrendo. E é uma identidade, é uma forma de pensar, de agir, de ser, que quem viu, viu. E quem não viu, não vai ver mais.

Ah, e outra coisa é a questão da comicidade, né? Foi muito importante para mim esse processo de pesquisa, porque eu sou de uma época que não tinha um celular e não tinha internet. Então, quando a gente começa a fazer a comicidade, a gente está desamparada completamente. Os professores vão nos assessorando, dando o xerox, a gente vai lendo livros e tal, quando eu me interesso por palhaçaria. Naquela época não se falava palhaçaria, se falava *clown*. Então, também aquilo me incomodava um pouco, essa coisa meio colonizada.

Claro, é um aprendizado que vem de fora, porque aqui não tem, mas a gente também perde muito a referência da nossa comicidade brasileira, dos povos originários, da cultura popular brasileira... E aí você começa a ter uma visão muito eurocentrista do que que é a comédia, essa coisa do *clown*, do [Jacques] Lecoq¹², aquela coisa toda. E eu bebi dessa fonte, porque era o que tinha na época, que alguém que fez o curso com alguém, que fez o curso lá no Lume¹³, sabe, essa coisa? Respinga em você.

Então, até eu me desvencilhar de todo esse aprendizado que eu tive e pensar numa comicidade feminina, própria, não replicando gagues masculinas, piadas masculinas... O que é o politicamente correto? Você entender que, quando aponta o dedo para alguém ou faz uma piada sobre a aparência física ou sobre o gênero de alguém, isso é errado! Então, tudo isso eu fui aprendendo estudando, fazendo

¹² Para saber mais sobre as técnicas do professor francês Jacques Lecoq acesse o vídeo: Jacques Lecoq - Tout Bouge - Conférence - Démonstration - 1985 - Subtitles - Remasterisé 2025 - 4K.

¹³ Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais na Unicamp: “Fundado em 1985, LUME Teatro se tornou uma referência internacional na pesquisa da arte da atuação. O grupo já se apresentou em mais de 30 países, atravessou quatro continentes e vem desenvolvendo parcerias com coletivos, universidades, pensadores, mestres, mestras e artistas da cena mundial. Vencedor do Prêmio Shell 2013 em pesquisa continuada, o LUME possui um repertório diversificado de ações artísticas e acadêmicas que abrange uma grande diversidade de processos experimentais no campo artístico e pedagógico das artes presenciais.” www.lumeteatro.com.br Lume Teatro Acesso em: 13 out. 2025.

muita oficina.

Figura 5 – Dona Bilica Naquele Tempo. Foto: Vanessa Soares



Quando eu tive o espaço cultural, a gente fazia o Festival Internacional de Palhaços. Então, eu recebi muitas pessoas. Tudo isso foi construindo também essa minha forma de ver e pensar sobre o que é comicidade. Hoje estou em um outro momento, olhando mais para comicidade feminina, vendo como as mulheres se colocam num lugar de objeto ainda, fazendo comédia. As palhaças, né? Objetificando o corpo delas, né? Falando sempre dessa questão de querer casar, ou de precisar de alguém, de um homem para casar ou em relação à casa, à limpeza da casa ou ao corpo delas, né?

O que mais? O que mais uma mulher sonha, ambiciona, vislumbra? Além dessas necessidades, que é cuidar da casa, do filho e do marido? E ficar preocupada se é magra ou se é gorda, sabe? Então, quando eu dou as oficinas, o treinamento, eu comento essa minha experiência e tento falar sobre isso com as pessoas: Espera aí, quem é você? Você quer fazer rir. Como? Por que você quer fazer rir. Onde quer chegar com isso? Porque o riso é libertador, mas ele também



aciona emoções, pode tocar em outros lugares. Então, eu estou bem feliz que eu estou conseguindo através dos espetáculos chegar nesse lugar e nas pessoas... Porque as pessoas vêm no final e me comentam [sobre o que sentiram sobre espetáculo].

Ai, eu estou muito feliz, gente, muito feliz! A liberdade é algo que não tem preço, e eu não negocio nunca mais. A liberdade é só minha.

Recebido em: 22/10/2025

Aprovado em: 22/10/2025